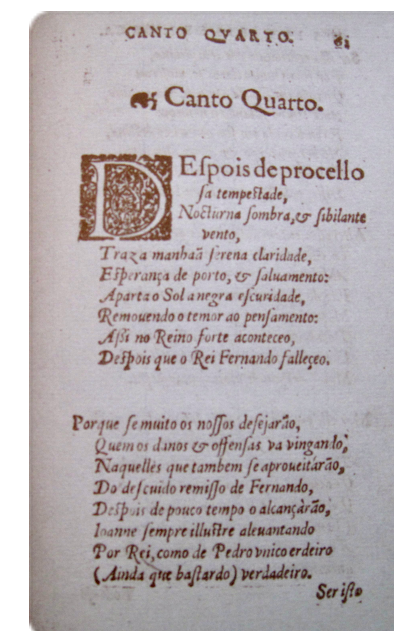




OS LUSÍADAS

Canto Quarto



Canto Quarto



1

Canto IV

**Depois de procelosa tempestade,
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto, e salvamento;
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor do pensamento;
Assim no Reino forte aconteceu,
Depois que o Rei Fernando faleceu.**



2

Canto IV

**Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os danos e ofensas vá vingando,
Naqueles que tão bem se aproveitaram,
Do descuido remisso de Fernando,
Depois de pouco tempo o alcançaram,
Joane sempre ilustre alevantando
Por Rei, como de Pedro único herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.**



3

Canto IV

**Ser isto ordenação dos céus divina,
Por sinais muito claros se mostrou
Quando em Évora a voz de uma menina,
Ante tempo falando o nomeou;
E, como cousa enfim que o Céu destina,
No berço o corpo e a voz alevantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo Dom João.**



4

Canto IV

**Alteradas então do Reino as gentes,
Com o ódio que ocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e evidentes
Faz do povo o furor por onde vinha,
Matando vão amigos e parentes,
Do adúltero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinência desonesta
Mais (depois de viúva) manifesta.**



5

Canto IV

**Mas ele enfim com causa desonrado,
Diante dela a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima e corre;
Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre
A quem ordens, nem aras, nem respeito,
Quem nu por ruas e em pedaços feito.**



6

Canto IV

**Podem-se pôr em longo esquecimento,
As cruezas mortais que Roma viu
Feitas do feroz Mário, e do cruento
Sila, quando o contrário lhe fugiu;
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobriu,
Faz contra Lusitânia vir Castela,
Dizendo ser sua filha herdeira dela.**



7

Canto IV

**Beatriz era a filha, que casada
Com o Castelhana está, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lhe concede.
Com esta voz castela alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai sucede;
Suas forças ajunta para as guerras
De várias regiões e várias terras.**



8

Canto IV

**Vem de toda a província que de um brigo,
(Se foi) já teve o nome derivado
Das terras que Fernando, e que Rodrigo
Ganharam do tirano e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo,
Os que cortando vão com o duro arado
Os campos Leoneses, cuja gente,
Com os Mouros foi nas armas excelente.**



9

Canto IV

**Os Vândalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as águas lavam
A nobre Ilha também se apercebia,
Que antigamente os Tírios habitavam
Trazendo por insígnias verdadeiras
As Hercúleas colunas nas bandeiras.**



10

Canto IV

**Também vêm lá do Reino de Toledo,
Cidade nobre e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledado,
Que das serras de Conca vem manando;
A vós outros também não tolhe o medo,
Ó sórdidos Galegos, duro bando,
Que para resistirdes, vos armastes,
Àqueles, cujos golpes já provastes.**



11

Canto IV

**Também movem da guerra as negras fúrias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injúrias
Muito mal dos estranhos compadece;
A terra de Guipuscua, e das Astúrias
Que com minas de ferro se enobrece,
Armou dele, os soberbos matadores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.**



12

Canto IV

**Joane, a quem do peito o esforço cresce,
Como a Sansão Hebreu da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece,
Com os poucos de seu Reino se aparelha,
E não porque conselho lhe falece,
Com os principais senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos diferenças.**



13

Canto IV

**Não falta com razões quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se converte
Em desusada e má deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte
Que a própria e natural fidelidade
Negam o Rei e a pátria, e se convém
Negarão (como Pedro) o Deus que têm.**



14

Canto IV

**Mas nunca foi que este erro se sentisse,
No forte dom Nuno Álvares; mas antes
Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes;
Àquelas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada irado, e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.**



15

Canto IV

**Como da gente ilustre Portuguesa,
Há-de haver quem refuse o pátrio Marte?
Como, desta província que princesa
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Há-de sair quem negue ter defesa,
Quem negue a Fé, o amor, o esforço e arte
De Português, e por nenhum respeito
O próprio Reino queira ver sujeito.**



16

Canto IV

**Como, não seis vós ainda os descendentes
Daqueles, que debaixo da bandeira,
Do grande Henriques, feros e valentes
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puseram em fugida, de maneira,
Que sete ilustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?**



17

Canto IV

**Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Dinis e seu filho, sublimados
Senão com os vossos fortes pais e avôs?
Pois se, com seus descuidos, ou pecados,
Fernando em tal fraqueza assim vos pôs,
Torne-vos vossas forças o Rei novo,
Se é certo que com o Rei se muda o povo.**



18

Canto IV

**Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes.
E se com isto enfim vos não moverdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.**



19

Canto IV

**Eu só com meus vassalos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem subjugada,
Em virtude do Rei, da pátria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei (não só estes adversários);
Mas quantos a meu Rei forem contrários.**



20

Canto IV

**Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Camisio, relíquias sós de Canas,
Já para se entregar quase movidos
A fortuna das forças Africanas;
Cornélio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas, não deixarão enquanto a vida
Os não deixar, ou nelas for perdida.**



21

Canto IV

**Destarte a gente força, e esforça Nuno,
Que, com lhe ouvir as últimas razões,
Removem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações;
Nos animais cavalgam de Neptuno,
Brandindo e volteando arremessões,
Vão correndo e gritando a boca aberta,
Viva o famoso Rei que nos liberta.**



22

Canto IV

**Das gentes populares, uns aprovam
A guerra com que a pátria se sustinha,
Uns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada um como convinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras e tenções de seus amores.**



23

Canto IV

**Com toda esta lustrosa companhia,
Joane forte sai da fresca Abrantes,
Abrantes, que também da fonte fria
Do Tejo logra as águas abundantes;
Os primeiros armígeros regia,
Quem para reger era os mui possantes,
Orientais exércitos, sem conto
Com que passava Xerxes o Helesponto.**



24

Canto IV

**Dom Nuno Álvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro
Para Franceses, para Italianos,
Outro também famoso cavaleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandá-los, e regê-los,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcelos.**



25

Canto IV

**E da outra ala que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada é Capitão,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão,
Logo na retaguarda não se esconde,
Das quinas e castelos o pendão,
Com Joane Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.**



26

Canto IV

**Estavam pelos muros temerosas,
E de um alegre medo quase frias,
Rezando as mães, irmãs, damas e esposas
Prometendo jejuns, e romarias;
Já chegam as esquadras belicosas,
Defronte das amigas companhias,
Que com grita grandíssima os recebem,
E todas grande dúvida concebem.**



27

Canto IV

**Respondem as trombetas mensageiras,
Pífaros sibilantes, e atambores,
Alférezes volteiam as bandeiras
Que variadas são de muitas cores;
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fruto deixa aos lavradores,
Entra em Astreia o Sol, no mês de Agosto,
Baco das uvas tira o doce mosto.**



28

Canto IV

**Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, e temeroso,
OuvIU-o o monte Artabro, e Guadiana,
Atrás tornou as ondas de medroso;
OuvIU-o o Douro, e a terra transtagana,
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães que o som terrível escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.**



29

Canto IV

**Quantos rostos ali se vêem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
É maior muitas vezes que o perigo,
E se o não é, parece-o, que o furor
De ofender, ou vencer o duro amigo,
Faz não sentir, que é perda grande e rara
Dos membros corporais da vida cara.**



30

Canto IV

**Começa-se a travar a incerta guerra,
De ambas partes se move a primeira ala,
Uns leva a defesa da própria terra,
Outros as esperanças de ganhá-la;
Logo o grande Pereira em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala
Derriba, e encontra, e a terra, enfim semeia
Dos que a tanto desejam, sendo alheia.**



31

Canto IV

**Já pelo espesso ar, os estridentes
Farpões, setas, e vários tiros voam,
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavalos, treme a terra, os vales soam;
Espedacem-se as lanças, e as frequentes
Quedas, com as duras armas tudo atroam.
Recrescem os amigos sobre a pouca
Gente, do fero Nuno que os apouca.**



32

Canto IV

**Eis ali seus irmãos contra ele vão,
(Caso feio e cruel); mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Pátria se alevanta;
Destes arrenegados muitos são,
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes (caso estranho)
Quais nas guerras Civis de Júlio Magno.**



33

Canto IV

**Ó tu Sertório, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas pátrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano,
Receberdes gravíssimos castigos,
Dizei-lhe que também dos Portugueses
Alguns traidores houve algumas vezes.**



34

Canto IV

**Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a eles vão;
Está ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortíssimo leão,
Que cercado se vê dos cavaleiros,
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguem-no com as lanças, e ele iroso
Turvado um pouco está, mas não medroso.**



35

Canto IV

**Com turva vista os vê, mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrescem;
Tal está o cavaleiro, que a verdura
Tinge com o sangue alheio, ali perecem
Alguns dos seus, que o ânimo valente,
Perde a virtude contra tanta gente.**



36

Canto IV

**Sentiu Joane a afronta que passava
Nuno, que como sábio capitão,
Tudo corria, e via, e a todos dava,
Com presença e palavras coração;
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão
Sentiu, que enquanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massília lhos furtara.**



37

Canto IV

**Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes sete Irmãos atroa e abala,
Tal Joane com outros escolhidos
Dos seus correndo acode à primeira ala;
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavaleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras que a esperança
Da liberdade, está na vossa lança.**



38

Canto IV

**Vedes-me aqui, Rei vosso, e companheiro
Que entre as lanças e setas, e os arneses
Dos inimigos corro, e vou primeiro;
Pelejai verdadeiros Portugueses;
Isto disse o magnânimo guerreiro,
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira e deste único tiro,
Muitos lançaram o último suspiro.**



39

Canto IV

**Porque eis os seus acesos novamente
Duma nobre vergonha e honroso fogo
Sobre qual mais com ânimo valente,
Perigos vencerá, do Márcio jogo
Porfiam; tinge o ferro o sangue ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo
Assim recebem junto, e dão feridas
Como a quem já não dói perder as vidas.**



40

Canto IV

**A muitos mandam ver o Estígio lago
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava,
O Mestre morre ali de Santiago,
Que fortíssimamente pelejava;
Morre também, fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatrava,
Os Pereiras também arrenegados
Morrem, arrenegando o Céu e os fados.**



41

Canto IV

**Muitos também do vulgo vil sem nome
Vão, e também dos nobres ao Profundo,
Onde o Trifauce Cão perpétua fome
Tem, das almas que passam deste mundo;
E por que mais aqui se amanse e dome
A soberba do amigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana,
Foi derribada aos pés da Lusitana.**



42

Canto IV

**Aqui a fera batalha se encruece,
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas,
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da própria cor mudadas;
Já as costas dão e as vidas; já falece
O furor, e sobejam as lançadas,
Já de Castela o Rei desbaratado
Se vê, e de seu propósito mudado.**



43

Canto IV

**O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida,
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá não pés, mas asas à fugida;
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da mágoa, da desonra, e triste nojo
De ver outrem triunfar de seu despojo.**



44

Canto IV

**Alguns vão maldizendo e blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobiçoso e sitibundo;
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura às penas do profundo,
Deixando tantas mães, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos desditosas.**



45

Canto IV

**O vencedor Joane esteve os dias
Costumados no campo, em grande glória
Com ofertas depois, e romarias
As graças deu a Quem lhe deu vitória;
Mas Nuno que não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memória,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.**



46

Canto IV

**Ajuda-o seu destino de maneira
Que fez igual o efeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vândalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento
Já de Sevilha a Bética bandeira,
E de vários senhores num momento
Se lhe derriba aos pés sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.**



47

Canto IV

**Destas e outras vitórias longamente,
Eram os Castelhanos oprimidos,
Quando a paz, desejada já da gente
Deram os vencedores aos vencidos;
Depois que quis o Padre onnipotente,
Dar os Reis inimigos por maridos,
Às duas Ilustríssimas Inglesas,
Gentis, formosas, ínclitas princesas.**



48

Canto IV

**Não sofre o peito forte usado à guerra
Não ter amigo já a quem faça dano,
E assim não tendo a quem vencer na terra
Vai cometer as ondas do Oceano;
Este é o primeiro Rei que se desterra
Da pátria, por fazer que o Africano,
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Cristo à lei de Mafamede.**



49

Canto IV

**Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Para onde Alcides pôs a extrema meta;
O monte Abila, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fora, e segura toda Espanha
Da Juliana, má, e desleal manha.**



50

Canto IV

**Não consentiu a morte tantos anos,
Que de Herói tão ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do céu supremo, quis que povoasse;
Mas para defesa dos Lusitanos
Deixou quem o levou, quem governasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Ínclita geração, altos Infantes.**



51

Canto IV

**Não foi do Rei Duarte tão ditoso,
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assim vai alternando o tempo iroso
O bem com o mal, o gosto com a tristeza;
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?
Pois ainda neste Reino, e neste Rei
Não ousou ela tanto desta lei.**



52

Canto IV

**Viu ser cativo o santo irmão Fernando
Que a tão altas empresas aspirava,
Que por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno se entregava;
Só por amor da pátria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por ele a forte Ceita
Mais o público bem que o seu respeita.**



53

Canto IV

**Codro porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Régulo porque a pátria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida;
Este porque se Espanha não temesse
A cativoiro eterno se convida;
Codro, nem Cúrcio, ouvido por espanto,
Nem os Décios leais fizeram tanto.**



54

Canto IV

**Mas Afonso do Reino único herdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hespéria
Que a soberba do bárbaro fronteiro,
Tornou em baixa e humílima miséria,
Fora por certo invicto cavaleiro,
Se não quisera ir ver a terra Ibéria;
Mas África dirá ser impossível,
Poder ninguém vencer o Rei terrível.**



55

Canto IV

**Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que somente o Terintio colher pôde,
Do jugo que lhe pôs o bravo Mouro,
A cerviz ainda agora não sacode;
Na fronte a palma leva, e o verde louro,
Das vitórias do bárbaro, que acode
A defender Alcácer forte vila,
Tânger populoso, e a dura Arzila.**



56

Canto IV

**Porém elas enfim por força entradas,
Os muros abaixaram de Diamante,
Às Portuguesas forças costumadas,
A derribarem quanto acham diante,
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dignas elegante,
Fizeram cavaleiros nesta empresa
Mais, afinando a fama Portuguesa.**



57

Canto IV

**Porém depois tocado de ambição,
E glória de mandar amara e bela,
Vai cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castela,
Ajunta-se a inimiga multidão,
Das soberbas e várias gentes dela,
Desde Cádis ao alto Pirenéu,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceu.**



58

Canto IV

**Não quis ficar nos Reinos ocioso,
O mancebo Joane, e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena,
Saiu-se enfim do trance perigoso,
Com fronte não torvada; mas serena
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento.**



59

Canto IV

**Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavaleiro,
Nos contrários fazendo imenso dano,
Todo um dia ficou no campo inteiro;
Desta arte foi vencido Octaviano,
E António vencedor sem companheiro,
Quando daqueles que César mataram
Nos Filípicos campos se vingaram.**



60

Canto IV

**Porém depois que a escura noite eterna,
Afonso aposentou no Céu sereno,
O Príncipe que o Reino então governa,
Foi Joane segundo, e Rei terzeno;
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os términos, que eu vou buscando agora.**



61

Canto IV

**Manda seus mensageiros que passaram
Espanha, França, Itália celebrada,
E lá no ilustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parténope enterrada,
Nápoles onde os Fados se mostraram,
Fazendo-a a várias gentes subjugada,
Pela ilustrar no fim de tantos anos,
Com o senhorio de ínclitos Hispanos.**



62

Canto IV

**Pelo mar alto Sículo navegam,
Vão-se às praias de Rodes arenosas,
E dali às ribeiras altas chegam,
Que com a morte de Magno são famosas;
Vão a Mênfis, e às terras que se regam,
Das enchentes Nilóticas undosas,
Sobem à Etiópia, sobre Egipto,
Que de Cristo lá guarda o santo rito.**



63

Canto IV

**Passam também as ondas Eritreias,
Que o povo de Israel sem Nau passou,
Ficam-lhe atrás as serras Nabateias,
Que o filho de Ismael com o nome ornou;
As costas odoríferas Sabeias,
Que a mãe do belo Adónis tanto honrou
Cercam, com toda a Arábia descoberta
Feliz, deixando a Pétrea, e a Deserta.**



64

Canto IV

**Entram no estreito Pérsico, onde dura
Da confusa Babel, ainda a memória,
Ali com o Tigre o Eufrates se mistura,
Que as fontes onde nascem têm por glória;
Dali vão em demanda da água pura,
Que causa ainda será de larga história,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveu passar Trajano.**



65

Canto IV

**Viram gentes incógnitas, e estranhas
Da Índia, da Carmânia, e Gedrosia,
Vendo vários costumes, várias manhas
Que cada Região produz e cria,
Mas de vias tão ásperas, tamanhas
Tornar-se facilmente não podia,
Lá morreram enfim, e lá ficaram.
Que à desejada pátria não tornaram.**



66

Canto IV

**Parece que guardava o claro Céu
A Manuel, e seus merecimentos,
Esta empresa tão árdua, que o moveu
A subidos e ilustres movimentos;
(Manuel, que a Joane sucedeu
No reino, e nos altivos pensamentos)
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.**



67

Canto IV

**O qual, como do nobre pensamento
Daquela obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento,
Foi sempre acrescentar a terra cara)
Não deixasse de ser um só momento
Conquistado; no tempo que a luz clara
Foge, e as estrelas nítidas que saem
A repouso convidam, quando caem.**



68

Canto IV

**Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
Revolvendo contino no conceito
De seu ofício, e sangue a obrigação,
Os olhos lhe ocupou o sono aceito,
Sem lhe desocupar o coração;
Porque tanto que lasso se adormece
Morfeu em várias formas lhe aparece.**



69

Canto IV

**Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava à prima Esfera,
Donde diante vários mundos via
Nações de muita gente estranha, e fera;
E lá bem junto donde nasce o dia
Depois que os olhos longos estendera,
Viu de antigos longínquos e altos montes
Nascерem duas claras e altas fontes.**



70

Canto IV

**Aves agrestes, feras e alimárias
Pelo monte selvático habitavam,
Mil árvores silvestres e ervas várias
O passo e o trato às gentes atalhavam;
Estas duras montanhas adversárias,
De mais conversação, por si mostravam
Que desde que Adão pecou aos nossos anos
Não as romperam nunca pés humanos.**



71

Canto IV

**Das águas se lhe antolha que saíam,
Para ele os largos passos inclinando,
Dois homens, que mui velhos pareciam
De aspecto, ainda que agreste, venerando;
Das pontas dos cabelos lhe saíam
Gotas, que o corpo vão banhando,
A cor da pele baça e denegrida
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.**



72

Canto IV

**De ambos de dois a fronte coroada
Ramos não conhecidos, e ervas tinha,
Um deles a presença traz cansada
Como quem de mais longe ali caminha,
E assim a água com ímpeto alterada
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeu de Arcádia em Siracusa
Vai buscar os abraços de Aretusa.**



73

Canto IV

**Este que era o mais grave na pessoa
Destarte para o Rei de longe brada,
Ó tu, a cujos reinos e coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nós outros, cuja fama tanto voa
Cuja cerviz bem nunca foi domada,
Te avisamos que é tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.**



74

Canto IV

**Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro,
Estoutro é o Indo Rei que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro;
Custar-te-emos contudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com não vistas vitórias, sem receio
A quantas gentes vês porás o freio.**



75

Canto IV

**Não disse mais o rio Ilustre e santo,
Mas ambos desaparecem num momento,
Acorda Emanuel com um novo espanto
E grande alteração de pensamento;
Estendeu nisto Febo o claro manto;
Pelo escuro Hemisfério sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores.**



76

Canto IV

**Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão,
As palavras lhe diz do santo velho,
Que a todos foram grande admiração;
Determinam o náutico aparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.**



77

Canto IV

**Eu que bem mal cuidava que em efeito
Se pusesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste jeito
Pressago o coração me prometia;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom sinal que em mim se via,
Me põe o ínclito Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande, e grave.**



78

Canto IV

**E com rogo e palavras amorosas
Que é um mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse; as cousas árduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que quando ao medo infame não se rende
Então, se menos dura mais se estende.**



79

Canto IV

**Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa qual a vós se deve,
Trabalho ilustre, duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve;
Não sofri mais, mas logo; o Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.**



80

Canto IV

**Imaginaí tamanhas aventuras
Quais Euristeu a Alcides inventava,
O leão Cleonéu, Arpias duras,
O porco de Erimanto, a Hidra brava;
Descer enfim às sombras vãs e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava,
Porque a maior perigo, a mor afronta
Por vós, ó Rei, o espírito e a carne é pronta.**



81

Canto IV

**Com mercês sumptuosas me agradece
E com razões me louva esta vontade,
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade;
A acompanhar-me logo se oferece,
Obrigado de amor e de amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O caro meu Irmão Paulo da Gama.**



82

Canto IV

**Mais se me ajunta Nicolau Coelho,
De trabalhos mui grande sofredor,
Ambos são de valia e de conselho
De experiência em armas e furor;
Já de manceba gente me aparelho
Em que cresce o desejo do valor,
Todos de grande esforço, e assim parece
Quem a tamanhas cousas se oferece.**



83

Canto IV

**Foram de Emanuel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos sucedessem;
Assim foram os Mínias ajuntados,
Para que o véu dourado combatessem,
Na Fatídica Nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxinio, aventureira.**



84

Canto IV

**E já no porto da ínclita Ulisseia,
Com um alvoroço nobre, e com um desejo,
(Onde o licor mistura a branca areia
Com o salgado Neptuno o doce Tejo);
As naus prestes estão, e não refreia
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente marítima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.**



85

Canto IV

**Pelas praias vestidos os soldados,
De várias cores vêm, e várias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Para buscar do inundo novas partes;
Nas fortes naus os ventos sossegados,
Ondeiam os aéreos estandartes,
Elas prometem vendo os mares largos
De ser no Olimpo estrelas como a de Argos.**



86

Canto IV

**Depois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Aparelhamos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda;
Para o sumo poder que a Etérea corte
Sustenta só com a vista veneranda,
Implorámos favor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.**



87

Canto IV

**Partimo-nos assim do santo templo,
Que nas Praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado;
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Como fui destas praias apartado
Cheio dentro de dúvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.**



88

Canto IV

**A gente da cidade aquele dia
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria
Saudosos na vista, e descontentes;
E nós com a virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissão solene a Deus orando
Para os batéis viemos caminhando.**



89

Canto IV

**Em tão longo caminho e duvidoso,
Por perdidos as gentes nos julgavam
As mulheres com um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação, e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.**



90

Canto IV

**Qual vai dizendo; o filho a quem eu tinha
Só para refrigério, e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará, penoso e amaro;
Porque me deixas, mísera e mesquinha?
Porque de mim te vais, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?**



91

Canto IV

**Qual em cabelo; o doce e amado esposo
Sem quem não quis amor que viver possa,
Porque ides aventurar ao mar iroso
Essa vida que é minha, e não é vossa?
Como por um caminho duvidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as velas leve o vento.**



**Nestas e outras palavras que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos e os meninos as seguiam,
Em quem menos esforço põe a idade;
Os montes de mais perto respondiam
Quase movidos de alta piedade,
A branca areia as lágrimas banhavam,
Que em multidão com elas se igualavam.**



93

Canto IV

**Nos outros sem a vista alevantarmos,
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado;
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.**



**Mas um velho, de aspecto venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Com um saber só de experiências feito
Tais palavras tirou do experto peito;**



95

Canto IV

**Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
Ó fraudulento gosto, que se atiça
Com aura popular, que honra se chama;
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades neles experimentas.**



96

Canto IV

**Dura inquietação da alma e da vida
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios;
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios,
Chamam-te Fama, e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.**



**A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome proeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
De Ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás, que histórias?
Que triunfos, que palmas, que vitórias?**



98

Canto IV

**Mas ó tu geração daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do reino soberano
Te pôs neste desterro e triste ausência;
Mas ainda doutro estado mais que humano
Da quieta e da simples inocência,
Idade de ouro tanto te privou
Que na de ferro e de armas te deitou.**



99

Canto IV

**Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve fantasia,
Já que à bruta crueza e feridade
Puseste nome esforço e valentia;
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeu tanto perdê-la quem a dá.**



100

Canto IV

**Não tens junto contigo o Ismaelita
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue ele do Árábio a lei maldita,
Se tu pela de Cristo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita
Se terras e riquezas mais desejas?
Não é ele por armas esforçado
Se queres por vitórias ser louvado.**



**Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o Reino antigo
Se enfraqueça e se vá deitando a longe;
Buscas o incerto e incógnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonge,
Chamando-te senhor com larga cópia
Da Índia, Pérsia, Arábia, e de Etiópia.**



**O Maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pôs em seco lenho,
Digno da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho;
Nunca juízo algum alto e profundo,
Nem cítara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memória;
Mas contigo se acabe o nome e a glória.**



103

Canto IV

**Trouxe o filho de Jápeto do Céu
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas acendeu,
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto melhor nos fôra Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estátua Ilustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera.**



**Não cometera o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande Arquitecto com o filho, dando
Um, nome ao mar, e o outro fama ao rio;
Nenhum cometimento alto e nefando
Por fogo, ferro, água, calma e frio,
Deixa intentado a humana geração;
Mísera sorte, estranha condição.**